

O TRABALHO COLETIVO, COOPERATIVO E SOLIDÁRIO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESENCADEADOR DO BEM-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.

Sueli Wolff Weber

Claus Dieter Stobäus

Juan Mouriño Mosquera

Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa que investigou fatores desencadeadores de Mal-Estar e/ou de Bem-Estar nos docentes do Curso de Pedagogia na Modalidade de Educação a Distância, desenvolvido pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UEDESC - 1999 a 2005. O artigo destaca um dos indicadores de Bem-Estar, qual seja, o trabalho coletivo, cooperativo e solidário, como um fator relevante para desencadear a satisfação e o Bem-Estar na docência em EaD.

Palavras-chave

Bem-Estar; Docência em EaD; Educação Presencial; Educação a Distância; Mal-Estar.

Abstract

This article is the result of a research investigating factors that trigger discomfort and/or wellness on professors from the Pedagogy Course in Distance Education, developed by the University of the State of Santa Catarina - UDESC between 1999 and 2005. The article highlights one of the wellbeing indicators, collective, cooperative and supportive work, as a factor to provide satisfaction and welfare in DE teaching.



Key words

Classroom Education; Distance Education; Malaise; Teaching in Distance Education; Wellness.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea caracteriza-se por um dinamismo surpreendente em suas transformações, o que tem provocado, em pouco tempo, profundas mudanças em área social, científica e tecnológica, com repercussões em Saúde e na Educação.

Apesar dessa realidade, vivemos uma fase da história marcada ainda por um quadro de exclusão em diversas áreas, sobretudo na Educação, que não conseguem responder aos novos desafios propostos pelo mercado e pelos avanços tecnológicos e científicos, que tendem ainda a privilegiar uma classe que se torna cada vez mais hegemônica, pela detenção do conhecimento e da informação, enquanto milhares de pessoas são excluídas dos benefícios gerados. É assim na Educação Superior, falando em formação de docentes.

Na Educação, entendida não somente como formal e ‘dada’ na escola e, principalmente, o professor têm um papel fundamental para a reversão desse contexto de privilégios. Portanto, a mudança deve começar por ele, em sua formação (muito antes de entrar na faculdade), que deve ser o ‘alvo’ dessa transformação, o que significa oferecer-lhe as melhores condições dignas de estudo e posterior trabalho, tal como já acontece em países como Canadá, Indonésia, Coreia do Sul e na maioria dos países europeus.

Oportunidades para que ele cresça profissional e pessoalmente, enfim, que seja respeitado pelo significativo do trabalho que presta à sociedade. Como, então, proceder mudanças na Educação, se o ator principal dessas transformações carrega no corpo o cansaço e na alma a angústia, sendo muitas vezes vítimas



do mal-estar docente? Por que são tão poucos os que, diante de um quadro educacional *deprimente*, realizam o seu trabalho com satisfação? Que devemos/podemos realizar pela melhor formação docente?

Como demonstram estudos realizados nas últimas décadas sobre a profissão docente, muitos professores, independentemente do nível de ensino em que atuam, seja Educação Infantil, Básica ou mesmo Superior, dizem não sentir-se felizes na profissão. Sentem-se envoltos em uma rotina desgastante, cumprindo uma longa jornada de trabalho, muitas vezes trabalhando em várias escolas diferentes e nem sempre tão próximas fisicamente, em múltiplos turnos, para assegurarem condições mínimas de subsistência para si e para seus familiares, com baixos salários. Veem-se desgastados pelo cansaço e pela desmotivação. Enfim, alguns até parece que não encontram mais sentido e significado no exercício da docência, caracterizando a Síndrome de Burnout, o ‘professor queimado’, que necessita apoios psicológicos ou mesmo psiquiátricos.

No ensino superior, como também observam muitos estudantes, os professores não demonstram prazer e satisfação no trabalho, pelo contrário, apresentam-se desanimados, estão distantes do aluno, não inovam a prática, a grande maioria limitando-se suas aulas à leitura de textos fragmentados e fotocopiados, alguns indicados sem que o próprio professor tenha lido ou tenha claro o objetivo que pretende alcançar.

Uma situação, como nos faz lembrar de Benjamin, na qual referia o relacionamento entre as duas totalidades que formam a escola tradicional: professores e estudantes. Trilla (2006, p. 35) relata, “às vezes, passam um junto ao outro, sem nunca se verem, como se estivessem empenhados em um ridículo jogo de esconde-esconde”.

Não há dúvidas que os docentes vivem uma dura realidade, que repercute diretamente em sua saúde física e mental. Basta atentar para os relatórios das



mais diversas Secretarias de Educação, para verificar o elevado número de licenças para tratamento de saúde, o absentismo e mesmo o abandono do magistério, porque parece que são professores ‘infelizes’ no trabalho.

Padecem, segundo Esteve (1994), na Espanha, do Mal-Estar Docente, um fenômeno de nossa época e que está expandindo-se muito rapidamente em diferentes países do mundo, inclusive entre professores brasileiros, conforme revelam, também, trabalhos investigativos de Mosquera e Stobäus (1996, 2000), e também os realizados por Mosquera e Stobäus et al. (2005) com professores sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), e daquelas de Jesus (2006), em Portugal.

Contudo, embora se reconheça a difícil realidade dos professores nos dias atuais, há estudos indicando que muitos se sentem também felizes e satisfeitos com a docência, desenvolvendo-a com competência, com prazer, com dedicação, talvez explicado pela sua resiliência, independente de nível de atuação, idade, gênero ou cultura. Da mesma forma, Esteve (1994) e Jesus (2002) encontraram, em professores espanhóis e portugueses, elementos de satisfação e o bem-estar no trabalho docente.

Como Codo (2006, p.105) constatou em pesquisa realizada com professores brasileiros, “90% deles revelaram que sabem que realizam um trabalho importante para a sociedade”. O mais espantoso, observa o autor, “é que isso independe das condições de infraestrutura de que dispõem para realizar suas atividades e, mais ainda, independe do nível salarial”. Conclui que isso:

Significa dizer que os educadores, apesar de condições muitas vezes desfavoráveis, estão satisfeitos, gostam daquilo que fazem, sentem-se realizados com os resultados que produzem, conseguem sentir prazer pelo desenvolvimento do seu trabalho. (CODO, 2006, p.105).

Também nossos estudos (Weber, 2008) com professores que atuaram na docência Educação superior, no Curso de Pedagogia desenvolvido na modalida-



de a Distância, na UDESC, em Santa Catarina, revelaram que esses professores vivenciaram de forma mais intensa o Bem-Estar do que o Mal-Estar, este último manifestado em situações pontuais, relacionadas a problemas de ordem mais político-partidária, dentro da própria Instituição. Dentre indicadores de Mal-Estar e Bem-Estar na docência, verificamos que o trabalho coletivo, cooperativo e solidário foi o que mais destacaram em suas falas docentes atuantes em EaD, motivo que leva-nos a abordá-los um pouco mais no presente artigo.

2 MAL-ESTAR/BEM-ESTAR DOCENTE EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Bem-estar e Mal-estar Docente são, de acordo com Esteve (1994), duas faces de uma mesma moeda, pois o Mal-estar está relacionado ao desprazer, enquanto que o Bem-estar está relacionado ao prazer no trabalho.

Em princípio, pode-se estar falando de obviedades, pensa-se no Bem-estar docente quando eles vivem em um contexto de mal-estar na sociedade, na qual as pessoas não sentem-se felizes, mas experimentando sentimentos de ansiedade, angústias, sofrimento, o que evidentemente também afeta-os pessoal e profissionalmente. O ritmo de vida acelerado, em que as pessoas devem responder cada vez mais rápida e precisamente, ambientes de alta competitividade, principalmente no espaço de trabalho, perda dos valores humanistas, são fatores que têm aumentado a sensação de mal-estar nas pessoas. Isso é preocupante, pois professores são os profissionais que apresentam níveis mais elevados, conforme Jesus (2007), até quando comparados aos profissionais da saúde.

Para além dos fatores relacionados ao estilo de vida que a sociedade atual impõe aos seres humanos, existem outros fatores relacionados com a situação profissional dos professores.



Como destaca Esteve (1994), as mudanças que ocorreram na sociedade criaram um contexto pouco favorável ao exercício da profissão docente: aumento das exigências em relação ao professor, ruptura da valorização social da Educação, aumento das contradições no exercício da docência, mudança de expectativas em relação ao sistema educativo, modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo e aos próprios educadores, no amplo sentido, menor valorização social do trabalho docente, mudanças nas relações entre o professor e o aluno e fragmentação do trabalho do professor são algumas das mudanças que afetaram o docente enquanto pessoa e profissional. Também na Educação Superior, com suas distintivas particularidades.

Esses fatores, como explica Jesus (2002), não afetam todos os professores com a mesma intensidade, podendo constituírem-se como problemas para alguns professores e não o são para outros, parece que depende da percepção subjetiva de cada professor e da frequência com que eles ocorrem no seu trabalho. Nesse sentido, o mal-estar depende também da percepção que cada professor tem, da forma como ele lida com suas potenciais fontes do mal-estar, bem como supera-as em direção ao bem-estar.

Embora concordemos com Jesus (2002), de que sentir-se em mal ou bem-estar em sua docência é também uma responsabilidade de cada professor, acreditamos que os contextos sociais e de trabalho são os maiores responsáveis por isso. Podemos lembrar que, com base em nossa experiência no Curso de Pedagogia da UDESC, desenvolvido na modalidade a distância, cuja infraestrutura organizacional implantada possibilitou as condições físicas, ambientais, sociais e de trabalho, permitindo aos docentes vivenciarem uma experiência profissional muito inovadora, com bem-estar e satisfação profissional. Isso significa que a instituição preocupou-se com o professor da EaD, com a sua valorização pessoal e profissional, consciente de que desenvolver um processo educativo humanizador exige do professor sentir-se uma pessoa, respeitada e valorizada, enfim, que



tenha sua humanidade reconhecida. Evidentemente, que é necessário que não se perca de vista a unidade indissolúvel indivíduo, como gênero humano.

Como diz Cunha (2007, p. 146) não é transformador,:

O tratamento dispensado à personalidade que não leve em conta os limites impostos pela sociedade capitalista ao verdadeiro e pleno desenvolvimento dos indivíduos, portanto, na personalidade do professor uma das principais referências no processo educativo sem considerar o quanto às condições de alienação tem corroído a personalidade de todos, sejam alunos ou professores, com certeza não virá minimizar os problemas da educação.

Assegurar que o professor seja sujeito da ação transformadora e efetivamente humanizadora exige que ele seja reconhecido pela e na sua subjetividade e individualidade. Como a construção da individualidade dá-se no seu meio social contextualizado, como bem já dizia Vigostky, não há como pensar-se no pessoal descolado do social. Isso porque o ser humano apenas individualiza-se através do processo histórico-social, porque existe interdependência entre indivíduo e sociedade.

Assim sendo, o *problema* do mal-estar/bem-estar exige que se leve em conta essa interdependência, e que sejam tomadas medidas em plano social e pessoal, no sentido de se assegurar contextos favoráveis para o exercício da função docente, com qualidade e possibilidade de bem-estar. Por outro lado, exige que o trabalho seja estruturado de forma a ser realizável de forma coletiva, cooperativa e solidária.

Nesse sentido, naquela Instituição foi organizado o sistema de EaD de maneira que assegurasse que as ações acontecessem de forma coletiva, cooperativa e solidária. Na dimensão pedagógica, o enfoque dado foi a interdisciplinaridade, aqui compreendida como a compreendem Briggs e Muchuaud (apud Gonçalves, 1975, p. 140):



A interdisciplinaridade é, sobretudo um estado mental que requer de cada pessoa uma atitude de humildade, abertura, curiosidade, vontade de dialogar e finalmente uma aptidão para a assimilação e para a síntese. Exige desde o início a aceitação do trabalho de equipe entre os representantes das diversas ciências e a necessidade de se estabelecer conjuntamente uma linguagem comum.

Evidentemente que isso representou um imenso desafio para todos os envolvidos, compreendendo o pensamento e a prática que fragmenta e isola. Contudo, foi possível um melhor diálogo com os pares, o planejamento conjunto, a transgressão das fronteiras das disciplinas, solidariamente, superando a abordagem reducionista e individualista, muito mais presente na docência no ensino presencial, sobrepondo-se uma outra abordagem no modo como os professores entenderam seu trabalho na EaD, ou seja, como ‘professores coletivos’, cujas ações são fundamentadas em colaboração, autonomia, interatividade, dentro de um clima de interrelações mais sadias, apontado por Mosquera e Stobäus (2006), que se constitui na e pela afetividade, de modo a auxiliar a construir/constituir subjetividades. Também isso já bem ressaltava Marquesi (2008).

Isso foi possível se constatar na capacidade de realização coletiva e de cada um dos componentes da equipe de trabalho, que se ampliava à medida que avançava o trabalho no tempo, tornando a todos e a cada um mais comprometidos e mais motivados pelo contínuo aprendizado em equipe, formando uma competência coletiva.

Exigiu, pois, para sua realização o respeito mútuo, atitude tolerante, aceitação das diferenças, relações não-hierárquicas e negociação constante. Exigiu espontaneidade, para enfrentar objetivos comuns com ações conjuntas e coordenadas, reciprocidade na interação. Exigiu o encontro do pessoal com o profissional, para realizar em conjunto algo melhor, com mais qualidade, algo que não se consegue em separado e, portanto, foi menos estressante, mais eficaz e mais compensador. Foi, pois, desencadeador de bem-estar e satisfação profissional, conforme deixam explícitos em seus depoimentos.



3 O TRABALHO COLETIVO, COOPERATIVO E SOLIDÁRIO NA EAD: FATOR DESENCADEADOR DO BEM-ESTAR DOS PROFESSORES

Há um antagonismo perceptível na execução do trabalho educacional presencial, com seu trabalho individual e solitário, daquele a distância, em que prospera o trabalho coletivo, cooperativo e solidário, sobremaneira na Educação Superior, nas universidades.

De fato, em nenhuma instituição a divisão do conhecimento instalou-se tão decisiva e profundamente quanto em Instituições de Ensino Superior. Enquanto os cientistas em seus laboratórios tornam seus trabalhos cada vez mais próximos, a ponto de criarem intercências, a exemplo da Biofísica, da Engenharia Molecular, no âmbito pedagógico, o diálogo entre as disciplinas nos mais diversos cursos parece que ainda têm sido diminuto, mormente naqueles voltados à formação do professor. Daí resultando uma formação em muitos modos bastante fragmentada. A essa realidade junta-se o ‘modelo industrial de divisão do trabalho’, que penetrou nas instituições educacionais, determinado um ambiente nada propício ao trabalho interdisciplinar.

O trabalho solitário, contaminado pelo ideal da (super)especialização parece ter adquirido um certo *status*, influenciando muitos profissionais que consideram que buscar saber algo além dos seus domínios específicos é prestar-se ao charlatanismo, faltar com a ética profissional, é não ter espírito científico, competência ou responsabilidade para com o trabalho, muito menos pedir auxílio/auxiliar os pares em atividades/questões.

Já na EaD a essência é realizar seu trabalho de modo coletivo, pela complexidade da função docente e pela multiplicidade de papéis que o professor tem que desempenhar, pela própria natureza do trabalho que se complexifica pelo uso dos meios tecnológicos, resultando na segmentação do ato de ensinar em múltiplas facetas/tarefas, então não há como o trabalho não ser coletivo, coope-



rativo e solidário, ou não ser exercido por um coletivo de profissionais plenamente articulados.

Como Keegan (1995, p. 13) afirma, “quem ensina na EaD é uma instituição”, o que revela a necessidade de definir-se outros papéis, novas funções e tarefas docentes, uma vez que trata-se de atividades necessariamente compartilhadas, diferentes, portanto, de atividades individualizadas desenvolvidas tradicionalmente no ensino presencial.

São múltiplas as tarefas que requerem um trabalho integrado e coordenação de equipe, que necessitam mais do que o conhecimento, muita mais colaboração. Na EaD, a docência configura uma outra compreensão do que é ensinar, do que é aprender, do que é ser um outro docente, com um outro modo de pensar, sentir e agir, com uma visão sistêmica e com um senso de propósito, valores e objetivos comuns.

O pressuposto básico nesse contexto é o da cooperação. A cooperação, como explicam diversos autores, só constitui-se em um clima de agradável convivência, no qual efetivam-se bons encontros, mas também desencontros, polêmicas e cumplicidades. Compartilham-se ideias e afetos, em que cada um busca seu aperfeiçoamento pessoal e profissional e o aperfeiçoamento pessoal e profissional do outro, em que relações instituem-se em outras bases, diferentes das *velhas hierarquizações* que privilegiam decisões unilaterais.

Nesse sentido, a colaboração depende da vontade de cada indivíduo, do respeito mútuo, da aprendizagem em conjunto e necessariamente de troca de experiências. Exige, portanto, o envolvimento dos sujeitos, o diálogo com os pares, o planejamento em conjunto, a transgressão das fronteiras das disciplinas. Deve existir uma ruptura com a ordem tradicional do caminho individual, muitas vezes até concorrencial, que favorecem o isolamento e a solidão, que desampara o professor, impedindo a transformação.



A cooperação implica a articulação dos profissionais em torno de uma proposta de trabalho com um eixo comum que potencialize a integração e a continuidade das ações. Implica, conseqüentemente, o desempenho de um outro papel, ou vários ao mesmo tempo, de novas práticas pedagógicas, de uma outra postura enquanto educador, um espaço de trabalho no qual as interações interpessoais e intergrupais são imprescindíveis para que seja garantido o alcance dos valores, normas e metas em comum. Por isso, a docência em EaD determina que o professor tenha outra postura, o que não é fácil, ainda mais quando está acostumado a trabalhar sozinho ou vê-se ameaçado em seu poder.

Muitas vezes, integrar pessoas criativas e inovadoras, ou aceitar a diversidade, pode ser percebido pelos participantes da comunidade organizacional, explicitamente ou não, como *ameaçador do sistema*.

Para os professores que participaram da pesquisa, conforme revelam seus depoimentos, a docência em EaD foi desencadeadora de bem-estar e satisfação para eles, graças à forma coletiva, cooperativa e solidária como a docência foi exercida. Como apontaram em seus depoimentos, o trabalho coletivo, cooperativo e solidário desenvolvido na EaD constituiu-se em uma experiência prazerosa de crescimento pessoal e profissional, de crescimento intelectual e emocional, de desenvolvimento em suas capacidades de mudar, de desenvolvimento da competência e da confiança em si e no outro. Constituiu-se um aprendizado de interação humana, de aprendizagem e de desenvolvimento de competências.

Nesse sentido, afirmavam que, por exemplificar e através de algumas das falas:

O trabalho coletivo foi realmente um grande desafio, aprendi muito com conversas, trocas, reuniões de equipes e coletivas (P15).

Parece-me que o grupo constantemente experenciou o aprender-aprender, pois, tudo era novo, diferente do cotidiano de rotina da docência presencial (P3).



Foi uma experiência enriquecedora que me trouxe o exercício mais efetivo da solidariedade no ato educacional e um grande entusiasmo face à necessidade de estar em constante busca pelo conhecimento e às exigências comunicacionais crescentes entre as pessoas (P11).

Minha maior motivação era perceber que a grande maioria participava com dinamismo, entusiasmo e alegria na construção coletiva de algo novo em que todos acreditavam. Havia a cooperação entre os diversos setores e a vontade de acertar permeava o dia a dia, mesmo, porque a magnitude do projeto exigia uma participação efetiva e um trabalho cooperativo (P14).

O trabalho coletivo e cooperativo na EaD, representou para mim uma quebra de paradigmas, já que no modelo tradicional o professor trabalha de forma isolada e individual. Na EaD, a necessidade do trabalho coletivo e cooperativo permitiu a troca de experiências, me mostrou minhas limitações e permitiu a amplificação de meus conhecimentos. Permitiu também a construção de novas amizades sólidas que até hoje perduram (P8).

Foi fundamental, diferentemente da docência presencial, onde o professor é o único responsável pela sua disciplina, que planeja individualmente, na EaD o processo todo (desde a elaboração do planejamento, a produção dos materiais até a avaliação da disciplina) era sempre um processo coletivo e cooperativo (P9).

Percebemos que esses professores manifestaram, de forma bastante clara, seus sentimentos de bem-estar, de satisfação profissional, a consciência da mudança, a consciência de uma nova profissionalidade, engendrada num movimento coletivo, de compartilhar saberes e ações que determinaram sua transformação em ‘novos’ docentes.

Esses, e outros relatos, deixaram implícito o significado que davam ao seu trabalho coletivo, cooperativo e solidário, para conseguirem desenvolver-se pessoal e profissionalmente, apontando suas mudanças em termos de papéis, na compreensão do processo educativo que constitui-se no exercício profissional mais coeso e interativo.

Enalteceram a importância da colaboração para o alcance dos objetivos do grupo, conscientes de que, sem a colaboração dos pares, seria praticamente



impossível uma ação pedagógica condizente com a linha teórico-filosófica do Curso. Foi, portanto, seu trabalho coletivo, cooperativo e solidário que deu sustentação à prática inovadora.

Os depoimentos mostram que os professores tiveram na EaD um espaço de construção coletiva, no qual novas formas de saber, fazer e ser foram impulsionando uma caminhada em direção ao novo, alicerçada em valores como interatividade, cooperação, solidariedade, afetividade, diferentemente do que acontecia no seu ensino presencial.

Revelam que experimentaram formas de trabalho mais complexas e desafiadoras do que as atividades até então desenvolvidas no seu ensino presencial. Relatam também que tiveram dificuldades, mas essas foram gradativas e mais facilmente superadas pelo trabalho coletivo, cooperativo, pois puderam repartir suas angústias e partilhar conhecimentos e experiências, quase impossíveis de realizar no seu ensino presencial.

Pelos seus relatos, demonstram que apreenderam e aprenderam a lidar com a complexidade da docência na modalidade Educação a Distância. Aprenderam a ser melhor professor no exercício profissional, bem como pessoalmente, quando enfrentaram medos e angústias, mas usufruíram prazer ao aprender, alegria ao identificarem-se como professores capazes de produzir e de contribuir para a mudança social e educacional.

Nessa travessia do ensino presencial para a Educação a Distância, expressaram que a atividade docente sofreu mudanças significativas, alterando o papel e a identidade profissional do docente. Vivenciaram, portanto, a própria transformação e a transformação do cotidiano de seu trabalho. Vivenciaram o Bem-Estar Docente que se conseguiu no trabalho coletivo, cooperativo e solidário.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos múltiplos olhares dos entrevistados, a docência na EaD nesta Instituição analisada, foi uma experiência extremamente significativa para esses professores, por oportunizar seu crescimento pessoal e profissional, de cada um e do grupo, com vivências de práticas pedagógicas crítico-reflexivas, o que requereu de todos os envolvidos uma verdadeira e profunda revisão de sua anterior postura frente à sua realidade de docente.

Como os próprios professores manifestaram em seus depoimentos, a docência na EaD, na Educação Superior, foi um espaço de construção-transformação, no qual foram constituindo-se e (re)constituindo-se pela ação e reflexão, superando dificuldades, ousando, tecendo novos saberes e práticas, novas construções teóricas que permitiram-lhes a intervenção em um cotidiano que mostrou-se intensamente desafiador, muito diferente da experiência até então desenvolvida como docentes no ensino presencial. Isso porque trabalharam de forma coletiva, cooperativa e solidária, compartilharam saberes, competências e afetos, experienciaram uma docência diferente e inovadora, sentiram-se ‘um novo professor’. Relatam que tiveram incremento em sua autoestima e autoimagem mais realista, tão necessária para enfrentar os desafios colocados no cotidiano de trabalho, cada dia mais desafiador, desenvolvendo atividades sem que essas fossem estressantes, ao contrário, disseram ser propiciadoras de Bem-Estar.

Evidentemente que a satisfação com o trabalho resultou, também, da própria atitude enquanto pessoa e educador, da sua própria vontade de mudar, tendo para isso as condições propiciadas pela EaD, não só para reavivar a profissão que haviam escolhido, mas para colher dela *melhores frutos*, com prazer, satisfação, em Bem-Estar Docente.

Isso posto, devemos levar em consideração que o Bem-Estar Docente, enquanto satisfação pessoal e profissional e o sentir-se bem na profissão resul-



tam de uma força motriz que pode também emanar do trabalho coletivo e solidário.

Que a ação coletiva e cooperativa consegue determinar bem-estar, prazer, poder sentir-se responsável pelo outro e pela ação que o outro realiza, imbricados na ação que cada um faz no grupo. Ou seja, há uma co-responsabilidade pactuada em palavras ou ações, gerando a confiança que impõe o avanço mesmo diante de dificuldades. Cada um torna-se também responsável pelo outro, tem de confiar no outro e encontrar motivação para vencer os obstáculos que apresentam-se no cotidiano de seu trabalho.

É possível, pois, afirmar que o espaço de construção coletiva é condição necessária para o docente poder desenvolver novas formas de saber, fazer e ser, enquanto professor, quer seja na modalidade presencial quer seja na modalidade de Educação a Distância.

Devemos lembrar, quando refletimos sobre nossa atuação na Educação Superior, que a mudança na formação do professor passa pela compreensão de que o construir-se como um mediador sociocultural passa pela superação do individualismo e isolacionismo que tanto condicionam e dificultam o exercício de uma prática docente mediadora.

O Bem-estar Docente, condição para o professor realizar com competência seu trabalho, só será possível de ser alcançado a partir do cuidado com o a formação desse docente, dele também ter necessariamente de saber cuidar de si mesmo, assegurando que tenha as condições pessoais e profissionais que o auxiliem a bem desenvolver a docência. Enfim, há que valorizar-se a Educação a Distância, a Educação superior, a pessoa do educador, pois esses pontos constitui-se, hoje, não mais como meras alternativas ‘mais democráticas’, porém são, isto sim, primordiais para o Sistema de Ensino, se desejarmos alcançar níveis de excelência. Então que seja realizado responsavelmente em clima que leve a Bem-estar Docente.



REFERÊNCIAS

- CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CUNHA, M. I. da. (org.). **Formatos Avaliativos e concepção de docência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- ESTEVE, J. M. **El Mal-Estar docente**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.
- GONÇALVES, D., R. A educação ambiental e o ensino básico. In: **IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente**, Florianópolis (SC), UFSC, 1990.
- JESUS, S. N. de. **Perspectivas para o bem-estar docente: uma lição de síntese**. Lisboa: Cadernos do Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico – CRIAP/Edições Asa, 2002.
- _____. **Professor sem stress: realização e Bem-Estar docente**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- KEEGAN, D. Distance education technology for the new millenium compressed videotchnology. In **ZIFF Papiere 101**, ERIC Document Reproduction Service, n. ED 389 931, 43p, 1995.
- MARCHESI, Á. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O Mal-Estar na docência: causas e conseqüências. **Revista Educação-PUCRS**, Porto Alegre, n. 31, p. 139-146, ano XIX, 1996.
- _____. Mal-Estar na docência: causas e conseqüências. **Revista da ADPPUCRS**, n. 32, p. 23-34, nov. 2000.



MOSQUERA, J. J. M.; STOBAÜS, C. D. et al. O Mal-Estar docente perante o uso das tecnologias de informação e comunicação. **REICE-Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio em Educación**, Red Iberoamericana de Investigación sobre Cambio y Eficácia Escolar, Madrid, v. 3, n. 1, p. 344-358, 2005.

TIMM, E. Z. **O bem-estar na docência: dimensionando o cuidado de si**. 2006. PUCRS: Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade e Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TRILLA, J. **A pedagogia da felicidade: superando a escola entediante**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

WEBER, S. W. **Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e o bem-estar dos professores que trabalham com EAD**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – faculdade de Educação da PUCRS, Porto Alegre, 2008.

